

O que conhecemos sobre a história do feminismo no Brasil?

Quando ouvimos a palavra feminismo, no que pensamos? Provavelmente a resposta para essa pergunta depende da geração e da trajetória de vida de cada pessoa, do seu contato com movimentos sociais, dos seus interesses de leitura, seja nos livros ou na internet. Para muitas pessoas e principalmente as gerações mais jovens, muito do imaginário que caminha junto com essa palavra está relacionado ao forte ciclo de protestos feministas vividos na última década no Brasil e no mundo, principalmente nas grandes cidades. Imagens de manifestações de rua com reivindicações de autonomia e liberdade em relação aos nossos corpos, denúncias da violência e exploração sexual contra as mulheres, luta pela legalização do aborto, defesa da democracia, entre outras reivindicações, compõem essas imagens que vêm mais facilmente à mente porque têm mais repercussão na mídia do que a resistência que as mulheres constroem em outros territórios ou associadas a outras lutas. O que conhecemos da luta das mulheres sindicalistas contra assédio nos ambientes de trabalho ou por paridade política dentro dos seus próprios sindicatos? Que imagens temos da longa trajetória de luta das mulheres trabalhadoras rurais no Brasil? O que conhecemos sobre a organização política das trabalhadoras domésticas?

Hoje em dia é comum que alguém tenha contato com o feminismo pela primeira vez através da internet ou, mesmo que já tenha ouvido falar em outro lugar, a internet é um espaço de pesquisa e formação sobre o feminismo, assim como em relação a diversos temas. Apesar da internet parecer ser um mundo infinito de informações, ela tem os seus recortes. Nesse universo, é muito mais comum, por exemplo, entrar em contato com o pensamento de feministas europeias ou norte-americanas do que com a história da nossa resistência no Brasil ou na América Latina. E quando ouvimos falar sobre o feminismo no Brasil, é comum que seja a partir do pensamento de uma autora ou outra, mas não sobre a pluralidade da resistência das mulheres organizadas em diferentes movimentos. Essas influências dão elementos para as imagens que construímos sobre o feminismo e muitas vezes a forma como pensamos

sobre essa luta ignora a diversidade da construção histórica desse campo político em nosso país, por estar associada apenas ao que é mais visível nas redes sociais e em outros meios de comunicação.

As reflexões de Lenira Carvalho sobre a luta das trabalhadoras domésticas, as disputas e as alianças construídas com os movimentos feministas apresentam questões muitas vezes desconhecidas para pensarmos sobre a construção do feminismo no Brasil. Lenira fala de coisas importantes para pensarmos sobre essa trajetória, como a dificuldade de construir alianças quando existem profundas desigualdades entre as mulheres. Compartilha reflexões sobre os desafios da adesão na luta pela legalização do aborto e a forma como os movimentos feministas introduziram preocupações novas no universo dos movimentos populares por onde ela circulava, como a preocupação com o corpo, a sexualidade e o autoconhecimento. O movimento feminista foi um importante aliado das trabalhadoras domésticas na trajetória de luta da categoria por direitos, inclusive contribuindo com outras abordagens em relação ao entendimento sobre a desvalorização desse tipo de trabalho por ser um trabalho realizado por mulheres. Mas não podemos esquecer que as alianças construídas com as trabalhadoras domésticas também foram fundamentais para que mulheres feministas de classe média pudessem pensar com mais profundidade sobre o valor social do trabalho doméstico no Brasil e sobre como lidar com contradições que muitas vezes existiam dentro das suas próprias casas. Esses encontros entre mulheres com experiências tão diferentes, que aconteceram não sem conflitos, geraram importantes transformações no entendimento e na luta pela emancipação das mulheres no campo feminista brasileiro.

O feminismo que a gente conhece hoje não poderia ter sido o que é se não tivesse sido o encontro entre a resistência de muitas mulheres, de lugares diferentes e que se organizaram em torno de lutas diferentes, mas que se encontraram, divergiram, disputaram politicamente e aprenderam umas com as outras.

Hoje a maior manifestação feminista do país é a Marcha das Margaridas, uma ação das trabalhadoras do campo, das florestas e das águas, organizada pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares). A Marcha das Margaridas reúne dezenas de milhares de mulheres nas ruas de Brasília a cada quatro anos para reivindicar soberania alimentar, direito à terra, condições dignas de trabalho, acesso à creche, políticas mais efetivas de enfrentamento à violência contra as mulheres, entre outras pautas.

É interessante pensar que nem sempre as trabalhadoras rurais se identificaram como feministas, apesar de lutarem pela igualdade e liberdade das mulheres. Assim como nem sempre as mulheres que vivem nas periferias das grandes cidades e lutam por água, moradia e creche se identificaram como feministas. E isso aconteceu muitas vezes porque havia diferenças entre esses movimentos e os movimentos feministas. O que queremos propor aqui não é que a gente passe a chamar de feministas as lutas que não se identificaram com esse nome. Apesar de ser possível iden-

tificar ideais feministas nessas trajetórias de resistência das mulheres, nosso interesse é lançar luz para o fato de que o feminismo que conhecemos hoje é fruto desses encontros e das disputas que se deram neles. O feminismo é um campo político em permanente revisão crítica, que vem se transformando ao longo da história. Os encontros entre essas diferenças e os esforços para se construir alianças apesar das desigualdades estão entre os motores que aprofundam a sua radicalidade e são fundamentais para compreendermos os feminismos contemporâneos.

Entre as tantas coisas que podemos aprender com o pensamento de Lenira Carvalho sobre desvalorização do trabalho das mulheres e a luta por liberdade e autonomia, está a possibilidade de mergulhar, a partir das suas reflexões, no emaranhado das teias construídas entre mulheres de lugares tão diferentes. Mulheres que instauraram debates tão diversos que conhecemos hoje sobre o que viver no mundo como mulher pode significar e como podemos fortalecer umas às outras para enfrentar as opressões que vivemos.

Glossário

Marcha das Margaridas

É uma ampla ação estratégica das mulheres do campo, das florestas e das águas, promovida pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares – Contag, Federações e Sindicatos, que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR e de diferentes organizações parceiras, movimentos e organizações feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais que articulam e mobilizam mulheres em torno de diferentes questões que nos permeiam. Realizada pela primeira vez em 2000, hoje é reconhecida como a maior ação das mulheres no Brasil e tem sido um caminho coletivo de construção de um projeto de sociedade que propõe um Brasil sem violência, onde a democracia e a soberania popular sejam respeitadas, a partir de relações justas e igualitárias. O nome da Marcha é uma homenagem a Margarida Maria Alves, trabalhadora rural, sindicalista e uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no Brasil. Margarida Alves foi assassinada em 12 de agosto de 1983, na frente de sua casa, em Alagoa Grande (PB). A Marcha das Margaridas é realizada a cada quatro anos, no mês de agosto. Para mais informações: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/>

